

FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E CULTURA: ENTRE OS IDEIAS DE NIETZSCHE, DELEUZE E GUATTARI*

Maria Eliane Rosa de Souza**

Comunicação Oral

GT Filosofia

Resumo: Este ensaio objetiva analisar a relação entre filosofia, educação e cultura à luz dos pensamentos de F. Nietzsche, G. Deleuze e F. Guattari, bem como refletir acerca da questão do ensino de filosofia hoje. Num primeiro momento a abordagem versa sobre Friedrich Nietzsche e sua proposta de uma filosofia da desconstrução da cultura instaurada a partir da modernidade sob os cânones da sociedade de mercado, profundamente criticada pelo pensador. Na sequência, analisamos como Gilles Deleuze e Félix Guattari, na obra *O que é a filosofia?*, fazem um retorno à filosofia se perguntando acerca do seu significado e em que sentido ela pode ser um elemento agregador de pensamento e de criação. Os três pensadores são convidados a nos ajudar a pensar o sentido e o alcance da filosofia diante da educação e da cultura desenvolvida pela sociedade de mercado consagrada na contemporaneidade. Destaca-se, assim, a importância da filosofia e da educação para a formação de um novo ideal de cultura, avesso ao tecnicismo imposto à educação a partir da era moderna. Trata-se, pois, de pensar o ensino da filosofia na atualidade, no sentido de buscar a autonomia do educando e de ratificar a sua condição de um ser capaz de refletir criticamente a realidade que o cerca e de, por sua liberdade, compreender o sentido sempre novo da atitude criadora. Enfim, nos propomos a pensar a relação entre filosofia, educação e cultura a partir de pressupostos que assegurem a autonomia, o espírito crítico e a singularidade dos sujeitos da educação na construção de um novo ideal de cultura.

Palavras-chave: Filosofia, educação, cultura, autonomia, criação.

1. Justificativa

Após a aprovação, em lei, da inserção da filosofia como disciplina nas três séries do ensino médio deparamo-nos com a necessidade de repensar ou reavaliar as questões didático-pedagógicas que envolvem o ensino desta disciplina. Desenvolvemos o presente ensaio, tendo em vista refletir acerca da necessidade apresentada, sobretudo no que diz respeito à compreensão da filosofia como um exercício de criação, bem como o questionamento acerca do lugar ocupado pela história da filosofia em seu ensino. O ensaio justifica-se, ainda, porque

* Texto a ser apresentado no V Edipe, evento ocorrido entre os dias 27 e 30/08/2013 no Centro de Cultura e Eventos Prof. Ricardo Freua Bufaiçal – Campus Samambaia-UFG.

** Doutora em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/Campus Goiânia. E-mail: mariaelianer@terra.com.br

propõe discutir a relação entre filosofia, educação e cultura partindo do pressuposto de que estes três âmbitos do pensar e do agir humanos encontram-se intrinsecamente ligados quando nos propomos a pensar na construção de um novo ideal de cultura.

2. Objetivos

O presente ensaio constitui-se em parte de uma pesquisa em andamento intitulada *Educação, Condição Humana e Técnica na Contemporaneidade: para uma Filosofia da Diferença*, e vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG/Campus Goiânia. Tal pesquisa analisa o lugar ocupado pela educação e as conseqüências geradas por idéias e práticas que desconsideram a complexidade que atingiu a condição humana na contemporaneidade, idéias essas que obscurecem a importância de uma formação ampla e integral do homem, de forma a levá-lo a questionar e inquirir a si próprio e o mundo que o cerca. Nessa perspectiva, tomamos como objetivo geral deste ensaio pensar e problematizar a filosofia em sua relação com a educação e a cultura no mundo contemporâneo. Como objetivos específicos, destacamos a problematização – junto a F. Nietzsche – do ensino de filosofia em sua relação com a sociedade de mercado; assim como, a discussão – a partir das perspectivas de Deleuze e Guattari – quanto à caracterização da filosofia como o exercício da criação de conceitos. Tudo isso concomitantemente à pergunta pelo significado e pelo alcance da filosofia na sociedade contemporânea em busca do desenvolvimento da autonomia, do espírito crítico e da singularidade dos educandos rumo a um novo ideal de cultura.

3. Metodologia

Como metodologia, adotamos inicialmente a leitura e o fichamento das fontes primárias constantes da bibliografia seguindo a tematização de cada uma das partes do trabalho; na sequência, foram feitas leituras e fichamentos das fontes secundárias. Por último, privilegiamos a elaboração de um texto a partir das leituras e dos fichamentos realizados. Toda a investigação esteve voltada à produção do ensaio, visando também à organização de um material pertinente ao trabalho quando nos questionamos acerca do ensino da filosofia e as questões didáticas e pedagógicas que o envolve, seja no nível médio ou no superior.

4. Discussão Teórica

4.1. Para um Novo Ideal de Cultura e uma Nova Educação

Na obra *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* Nietzsche nos apresenta um diálogo entre um filósofo, seu discípulo e dois estudantes. A tese geral é a de que a cultura é uma determinação da natureza e que, portanto, não pode ser compreendida como estando separada da própria natureza. Em seu sentido pleno, a cultura é inerente ao espírito humano em suas circunstâncias mais elevadas, despojada das determinações do Estado, das imposições do capital e da falsa moral disseminada pela tradição. Na concepção nietzschiana, a natureza prepara o homem para viver no seio de uma verdadeira cultura e, nesse sentido, o aproxima da filosofia. A filosofia é, então, a melhor maneira de nos tornarmos homens cultos, de voltarmos àquela natureza que fora corrompida pelo estreitamento e pelo enfraquecimento da cultura.

Na relação entre cultura e filosofia, Nietzsche concebe como tarefa da verdadeira filosofia o incentivo aos talentos inventivos e à sua originalidade. Para tanto seria preciso preparar os educandos num retorno necessário e respeitoso à língua materna, aos clássicos da antiguidade ocidental e ao sentimento artístico. Do ponto de vista da educação, ele conclama a reverência à tradição viva e a repressão ao teor histórico quando reduzido à mera erudição e distante da “educação de si”, colocando em questão o espírito utilitário da sociedade burguesa avesso à filosofia e à reflexão. Em última instância, a filosofia leva consigo a grandeza da “inutilidade” no sentido mais positivo deste termo e na medida em que resgata o que há de grandioso no pensamento. Nas palavras de Nietzsche:

Já disse que esta maneira de se satisfazer com o momento sem imaginar um objetivo; de se embalar numa cadeira de balanço ao ritmo do momento deve parecer quase incrível, em todo caso, censurável na época atual, que se desvia de tudo o que é inútil. Como éramos inúteis! E como estávamos orgulhosos por sermos a tal ponto inúteis! (2007, p.59)

É importante ter clareza de que “inutilidade” fala o pensador e contra quem ele fala. A contraposição aqui é direcionada à cultura moderna que teria imposto ao homem um ideário de satisfação e utilidade direcionado às necessidades do mercado e da produção e que teria desenvolvido uma ciência “anti-criativa”, apegada ao pragmatismo e ao tecnicismo. Conhecimento e cultura teriam, assim, um fim meramente utilitário que afastaria o homem do verdadeiro teor da cultura, isto é, da natureza mesma da cultura. Esse é um homem dispensado de si mesmo, impulsionado meramente pela necessidade e incentivado ao máximo possível de produção; é pobre de si, infeliz de si, desconhecedor da natureza das coisas e

distante do que se pode entender por uma verdadeira cultura. Seguindo essa linha, a tarefa da sociedade moderna seria a de se empenhar na criação de uma pseudocultura,

seria então criar homens tão ‘correntes’ quanto possível, um pouco no sentido em que se fala de uma ‘moeda corrente’. Quanto mais houvesse homens correntes, mais um povo seria feliz; e o propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde sua natureza o conclama a se tornar ‘corrente’, formar os indivíduos de tal modo, que do seu nível de conhecimento e saber, ele possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e de lucro. (2007, p. 62)

Tudo isso como uma experiência também moral, avessa a uma cultura que apresentasse fins para além do lucro. Por esses caminhos, a modernidade teria ratificado na cultura universal a própria barbárie, solapando, enfraquecendo e aniquilando tudo o que resguardasse a autonomia e a genialidade criadora no ser humano, impondo uma cultura superficial e jornalística contra o verdadeiro sentido da natureza e do humano. O que Nietzsche quer dizer é que o moderno homem de ciência e o homem culto pertencem à esferas diferentes e até mesmo antitéticas. À essa fragmentação do humano, operada pela cultura útil e escrava deve se opor a verdadeira cultura e sem desânimo retomar à presença do estilo, resgatar o estético e confrontar o fruto da mediocridade com a produção autônoma. Assim, aconselha o filósofo:

Se vocês querem guiar um jovem no verdadeiro caminho da cultura, abstenham-se de romper a relação ingênua, confiante e, por assim dizer, a relação pessoal e imediata que ele tem com a natureza: é preciso que a floresta e o rochedo, a tempestade, o abutre, a flor solitária, a borboleta, a campina, a encosta da montanha, cada uma dessas coisas fale a sua linguagem; é preciso que ele se reconheça nelas como em inumeráveis reflexos e cintilações dispersos, no turbilhão com mil cores de aparências cambiantes; então experimentará inconscientemente a unidade metafísica de todas as coisas na grande metáfora da natureza, e assim se acalmará com o espetáculo de sua eterna aparência e de sua necessidade. (NIETZSCHE, 2007, p. 103)

Não obstante ao “triunfo” desta pseudocultura, o pensamento criativo ainda se faz plausível. Para Nietzsche, libertar o homem da “maldição do moderno” é possível pelo Espírito crítico da filosofia e pelo sentimento artístico. Em seus escritos sobre a educação ele faz um forte apelo à verdadeira cultura quando conclama:

[...] meus amigos, não confundam esta cultura, esta deusa etérea, delicada e de pés ligeiros, com esta útil escrava que se costuma chamar às vezes também de ‘cultura’, mas que é somente criada e conselheira intelectual das carências da vida, do ganho, da miséria. [...]. Sem dúvida, esta indicação tem uma importância máxima e imediata para a grande maioria dos homens: e quanto mais difícil é a luta, mais o jovem deve aprender, mais ele deve incrementar as suas forças. (2007, pp.103-4)

Longe do pessimismo niilista, o pensador em questão convoca a força presente em cada indivíduo, saindo em defesa da ordem sagrada do reino do intelecto. Pela educação, voltada para uma verdadeira cultura, ele anuncia a força que devem ter educadores e educandos contra os parâmetros culturais instaurados no mundo ocidental desde a idade moderna. O educador deve permitir ao educando chegar a um território tal que em dado momento ele possa empreender a sua marcha solitariamente em busca de regiões autênticas e de uma nova pátria. O que busca o educador enquanto mestre? Um segundo nascimento dos educandos, que comporta um esforço na direção de verdadeiras desconstruções e de novos vôos. No seu sentido mais profundo “o gênio só pode se fazer quando se tornar maduro e alimentado no seio materno da cultura de um povo – pois, sem esta pátria que o protege e o acalenta, ele ficaria na impossibilidade absoluta de abrir suas asas para seu vôo eterno [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 91). Daí a importância extremada do papel do mestre, do educador.

Educar significa, pois, no sentido como Nietzsche nos propõe, a abertura para a cultura como uma nova pátria munida de um solo e uma geografia que acolhe e aponta para incomensuráveis possibilidades de vôos que não mais comportarão o mestre ao lado. Educar para um sentido aprofundado da existência requer que o mestre, em dado momento, se coloque como expectador, de modo a permitir a abertura das asas para o vôo solitário do aprendiz, que doravante trilhará os seus próprios caminhos, abrirá suas próprias fendas e colocará as cores que desejar em suas plumagens. Assim, o mestre se sentirá satisfeito quando contemplar o momento e a geografia do vôo do aprendiz: o seu verdadeiro nascimento.

Esse verdadeiro nascimento supõe algo bastante caro ao pensamento nietzschiano que é a idéia ou conceito de criação. Gilles Deleuze e Félix Guattari, dois pensadores contemporâneos leitores de Nietzsche, fazem uma releitura do conceito de criação como condição do ato do filosofar. Passemos à compreensão do conceito de criação proposto por esses dois pensadores a fim de discutirmos a importância da criação para a filosofia e para o seu ensino.

4.2. Educação, Filosofia e Criação

Na linha do pensamento nietzschiano em *O que é a filosofia?* Deleuze e Guattari (2000, p. 10) defendem ser esta a “arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. Assim sendo, é objeto da filosofia a criação de conceitos sempre novos a partir da releitura de conceitos já criados ou da invenção de conceitos próprios. O incentivo à criação é um elemento fundamental para a filosofia, pois por ela é possível alcançar algo grandiosamente

diferente, isto é, ímpar, assim como a arte. A alma do filósofo, na verdade, seria como a alma do artista, sedenta de criação. Aqueles que se põem a pensar e a educar pelo sentido da criação são conscientes de que o movimento de criação é de longe mais importante do que o da repetição. São conscientes também que é a partir de uma questão, de um problema e da busca de sentido que emerge a criação, provocadora e dilatadora de pensamentos.

Se compreendermos a filosofia como uma atitude de criação, então não podemos concebê-la ou resumi-la às extensas interpretações e exegeses a que ela costumeiramente tem se reduzido na atualidade. Nesse sentido, é importante entender o lugar da história da filosofia na construção do pensamento: se por um lado, não devemos a ela um culto cego, por outro lado, não podemos restringir o pensamento e a filosofia à interpretação do que um ou outro filósofo defendeu. A história da filosofia é um exemplo claro de atitude criadora, porém, parafraseando Deleuze e Guattari (2000, p. 10), ela pode se tornar absolutamente desinteressante se não propuser a transpor os seus conceitos adormecidos para um novo cenário. Isso porque cada pensador estabelece seu sistema filosófico a partir das questões ou problemas individuais ou coletivos suscitados por sua própria época. Criar filosoficamente pode supor a história da filosofia como critério, mas deve caminhar um passo além desta, por meio do embate que desnaturaliza o já naturalizado e anuncia novos territórios e, com estes, novas hospedagens.

Entre as tarefas do educador-filósofo está o redimensionamento do próprio alcance da filosofia no sentido de criar novos territórios, de recortar a realidade e de entendê-la em suas curvas e cruzamentos; delineando novos modos de enfrentamentos do real, fazendo distinções e ligações apropriadas quanto aos conteúdos e às práticas pedagógicas, de modo a tornar a filosofia um acontecimento do ponto de vista educacional.

Transpondo a caracterização da filosofia como atitude criadora para a educação, podemos entender a sala de aula como o lugar do incentivo ao novo, à liberdade de criação. O lugar onde são lançadas novas luzes à história do pensamento e onde é incentivada a inspiração a fim de adentrarmos nas questões imanentes e transcendentais do mundo que nos cerca e de dar sentido aos ordenamentos sociais, culturais, econômicos, políticos, artísticos, religiosos etc. que no rodeiam. E, nesse sentido, a história da filosofia nos convida a caminhar “junto com” e “para além” dela, dando sentido à nossa própria realidade.

Tais pressupostos nos apontam que importa criar condições para que nossos alunos desenvolvam a curiosidade e que entendam a importância da leitura, da escrita, do ato da análise, da argumentação e da tomada de posição diante dos fatos e da própria história da filosofia. Retomar a filosofia nessa acepção significa propiciar o desenvolvimento do que

designamos de uma “cultura filosófica”. Tal cultura requer, de nós professores, que tenhamos consciência de que a filosofia não se restringe à sua história.

A partir desta acepção, a educação nos permitiria ler a nossa realidade com outros olhos, reafirmando-a ou negando-a, de forma a nos mantermos vivos em sua presença e de podermos compreender reflexiva e criticamente as mais diversas circunstâncias sócio-políticas e existenciais a que estamos submetidos. Numa imagem é como se pudéssemos nos libertar das amarras de uma prisão e contemplar uma nova realidade, saindo da condição de seres carentes e expectadores passivos das mais diversas dimensões que contemplam a vida humana em coletividade.

Para Deleuze e Guattari o pensar se refere ao território que os sujeitos ocupam e que não deixa de se movimentar. Os conceitos são forjados nesses territórios em constante movimento e, por isso, se desterritorializam e se reterritorializam incessantemente. Deleuze e Guattari lembram ainda que o ser humano desde que nasce – do ponto de vista de sua vida orgânica (biológica) e inorgânica (social) – vive se arrancando de um território e passando a outro. O hominídeo, por exemplo, “desterritorializa sua pata anterior, ele a arranca da terra para fazer dela uma mão, e a reterritorializa sobre galhos e utensílios [...]” (2000, pp. 98-9). Já na moderna sociedade de mercado “[...] o capital ou a propriedade se desterritorializam, cessam de ser fundiários e se reterritorializam sobre meios de produção [...]” (Idem). Assim, pelo movimento de desterritorialização o pensamento se arranca de um território, já pela reterritorialização ele afirma um novo território. O pensamento filosófico, criador de conceitos, opera por esses dois movimentos e é em vista disso que os conceitos precisam ser continuamente revistos.

Por esses pressupostos, entendemos que a atitude do pensamento criador anuncia a desterritorialização, arrancando o indivíduo de um lugar para reterritorializá-lo em outro. O novo meio, a nova geografia é anunciadora também de novas possibilidades e circunstâncias, enfim, de um novo pensamento. A possibilidade de identificação de um novo território pode fazer com que o educando permaneça atento à sua existência como ser pensante, atuante e criativo, isto é, como diria Aristóteles, como ser social e político por natureza, capaz de entender mais apropriadamente sua existência coletiva ou social.

Entendemos que a relação entre educação e filosofia, alargada pela possibilidade de um devir sempre novo, estabeleça pressupostos para que o educando se compreenda como um ser político e que defenda uma visão democrática de mundo, formada por uma comunidade ativa, participativa e consciente das diferenças. Assim sendo, ao assentirmos para a importância do objeto do saber filosófico enquanto criação – em qualquer fase do ensino

fundamental ou superior –, reforçamos a consciência crítica, criativa e participativa de nossos educandos. Em outras palavras, ratificamos a sua abertura à dimensão ético-política e existencial da condição humana, de forma a possibilitar a desconstrução e a desnaturalização das realidades invertidas, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo.

4.3 O Ensino da Filosofia Hoje

No que tange especificamente ao ensino de filosofia, a sua presença nos currículos da escola média tem sido de capital importância. Porém, lhe tem faltado incentivo à atitude criadora, o convite à construção. É preciso que convidemos os nossos educandos a “desinstalar” o dado, a sair de suas zonas de conforto, a “desnaturalizar” conceitos e preconceitos herdados sem nenhuma reflexão, a sair da passividade.

[...] O filosofar, nesse sentido, demanda a presença de um certo “desconforto”, de um certo incômodo que não contraditoriamente pode ocorrer quando se é sensibilizado, encantado, seduzido, arrombado.

A propósito, “desconforto” é um termo que caracteriza muito bem o início da filosofia, [...] em função de que ele nos afeta particularmente. De um modo geral, as sensações de desconforto e incômodo provocam reações na busca de seu contrário, podendo gerar, desde que bem orientadas, a prática de um pensamento aprofundado. E nesse sentido, pode-se dizer que o desconforto é um convite à criação.

Atingir o estado de hibridismo entre desconforto e encantamento, abstração e sensibilidade pede, num primeiro momento, uma única coisa: que sejamos “afetados”. E nada pode proporcionar melhor tal estado do que a arte, porque ela é séria e lúdica, sensível e racional, conhecedora e rompedora de limites, transgressora e apaziguadora, criativa e original. A arte nunca deixou de ser original, seja em que campo for: na literatura, na música, no teatro, no cinema, na dança, na pintura, na escultura, na arquitetura, na fotografia, quando a arte se faz, ela afeta. Há que ressaltar, no entanto, que não se trata de fazer da arte um apêndice da filosofia, mas de recortar o problema filosófico por um viés mais impactante. (SOUZA, 2011, p.67)

A filosofia necessita, pois, beber na fonte da arte a fim de resgatar a sua originalidade e de, no seu ensino, saber a importância de também ser leve. Isso não significa que o ensino da filosofia deva ser descomprometido ou de teor sempre lúdico. Ora, sabemos que a filosofia em si não é necessariamente lúdica ou leve, mas no ofício de ensinar precisa, por vezes, se arrojar dessas perspectivas a fim de manter vivo o interesse dos educandos. Nesse sentido, reafirmamos uma necessidade didático-pedagógica que enxergue sobretudo os alunos do ensino médio como adolescentes e jovens que são. Justamente por seu caráter inquisidor, questionador, denunciador é que o ensino da filosofia precisa, quando em vez, quebrar a tensão e a seriedade com que lida com seus conceitos e questões.

Por outro lado, o acesso a uma cultura filosófica pressupõe focalizar a filosofia não apenas na idéia do prazer ou do lúdico, mas também na tomada de consciência da importância de atividades como leituras e interpretações de fontes primárias, análises e produções de textos. Não podemos nos esquecer do entusiasmo e da dedicação do próprio professor em relação àquilo que faz. Os textos precisam ser instigantes e ter sentido também para o professor, ainda que o sentido seja de contraposição ao que está em “jogo”. O gosto e o entusiasmo são condições também do mestre. Seu ponto de partida? Entender que os adolescentes são capazes de pensar, de compreender pensamentos e sobretudo, como bem nos lembra Nietzsche, de resgatar o “perdido do mundo” que apenas o espírito desarmado e disposto da criança pode fazer.

Acreditamos que a satisfação de criar – a partir de fontes primárias – um texto, uma poesia, de fazer uma análise crítica de uma notícia de jornal ou revista, de produzir vídeos, de trabalhar com teatro etc. possa dar um incentivo didático maior à filosofia. O que abriria para uma outra cultura em torno do seu ensino. No meio acadêmico não raro encontramos críticas a essas posturas, mas o fazem aqueles que se negaram ou que jamais se depararam com o desafio de trabalhar a filosofia nos ensinos médio e fundamental.

Na mesma perspectiva, o ensino da filosofia, do ponto de vista conceitual e teórico, requer de nós professores/educadores que nos perguntemos previamente: o que é a filosofia? Filosofia para quê? Educar para quê? Essas questões são fundamentais para que situemos o nosso universo pedagógico, para que saibamos de onde partiremos e onde queremos chegar.

A pergunta “Educar para quê?” assim como fora tratada por Nietzsche em seus escritos sobre a educação ainda hoje remete à reflexão acerca do imperativo posto à educação formal de produzir uma cultura que verse sobre a reflexão, se volte ao pensamento e eleve a existência singular humana ao nível de uma mais elevada compreensão de si e do mundo que a cerca. Educar significa, nesse sentido, tornar os homens capazes de avaliarem e de assumirem uma posição pertinente frente ao questionável “ideal cultural” por ele próprio instaurado e de reconhecer que este ideal se encontra revestido de um tipo de massificação que instiga e fomenta em larga escala o que poderíamos denominar – na linha do pensamento nietzschiano – de barbárie (SOUZA, 2012, p. 179)

Desfazer os equívocos construídos a partir das perguntas anteriores irá munir o educador das condições teóricas necessárias para o início dos seus trabalhos, a começar pela resposta dada à pergunta “O que é a filosofia?”. Sem essa resposta nenhum trabalho sério poderá ser desenvolvido. Ademais, é preciso que nos atentemos para os objetivos que almejamos alcançar, já que sempre educamos para algum fim. Estabelecer esses objetivos e fins também é condição necessária para uma prática educativa elevada, que almeja a

construção de uma nova cultura entre os educandos. Lembremos que a educação é antes de tudo uma atividade existencial e valorativa e que carrega consigo a tarefa de elevar os educandos acima de suas carências.

O educador tem, nesse sentido, um dos papéis mais importantes frente à sociedade e às demandas mercadológicas. É necessária resistência para criar novos devires, para auxiliar na elevação da cultura de nossa época e na transformação desta numa cultura combativa e consciente da importância de sua participação para que seja efetivada a mudança dos atuais padrões culturais. É necessária, ainda, a instauração de uma cultura mais aberta de forma a considerar autênticas e válidas nossas próprias criações filosóficas. Nesse sentido, nos apropriamos das palavras de Nietzsche:

[...] não é a cultura da massa que deve ser a nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos [...] munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão; sabemos bem que uma posteridade justa julgará a cultura de conjunto de um povo, única e exclusivamente segundo os grandes heróis de uma época, aqueles que marcharam sozinhos, e sabemos que ela emitirá um veredicto segundo a maneira como foram reconhecidos, favorecidos, honrados, ou rejeitados, maltratados, destruídos. (2007, p. 90)

Por uma educação que assuma essa perspectiva filosófica construímos o lugar da resistência, do não-comum e dos “pequenos heróis”, preconizando o exercício da singularidade em meio à universalidade e da diferença em meio à igualdade. Os “pequenos heróis” seriam aqueles que corajosamente assumiriam os desafios da criação e que seguiriam em frente dando sentido a um novo ideal de cultura.

Em resposta à filosofia enquanto atitude filosófica criadora, na linha do que pensaram Deleuze e Guattari, é importante ressaltar mais uma vez que educar para o sentido da criação de conceitos exige novos procedimentos didático-pedagógicos que gerem desafios. O desafio está no processo da medição de forças salutares e na alegria da criação. Em filosofia, construir pensamentos pressupõe que nos desarmemos como a postura de uma criança que encara com seriedade o desafio da brincadeira, que sempre começa novamente e, sem ressentimentos, abre novos caminhos. Tratar-se-ia de um novo olhar que prepara o terreno para a construção de outros mundos e que a partir de uma nova base pode construir outra realidade. “Sim, porque filosofar ao modo como o compreendemos, significa ler o mundo sob códigos e estratégias que nos permitam enxergar melhor as teias que o envolve, desabitando as estruturas invertidas que se apresentam como as únicas válidas.” (SOUZA, 2011, pp.73-4)

Em complemento à postura aqui defendida se levanta a necessidade concreta de conhecermos os nossos alunos. É preciso, antes de iniciar qualquer programa de trabalho, observá-los, senti-los e identificá-los. Somente assim podemos fazer crescer a personalidade

de uma turma em seus aspectos mais relevantes, o que é de fundamental importância para dar sentido à nossa atuação e entusiasmo enquanto professores. Subjaz, portanto, ao problema do desenvolvimento de uma cultura filosófica a questão da dupla via da identidade entre nós e nossos alunos: quem são e o que esperam? O que queremos, nós professores, com o ensino da filosofia? À essas questões já temos algumas luzes no panorama traçado anteriormente, mas gostaríamos de sugerir mais uma vez a resposta com a passagem de Nietzsche acerca das três transmutações do espírito humano. Diz o pensador:

Três transmutações vos cito do espírito: como espírito se torna camelo, e em leão o camelo, e em criança, por fim, o leão.

Muito de pesado há para o espírito, para o espírito forte, que suporta a carga, em que reside o respeito: pelo pesado e pelo pesadíssimo reclama sua força. (...) Todo esse pesadíssimo espírito de carga toma sobre si: igual ao camelo, que carregado corre para o deserto, assim ele corre para o seu deserto.

Mas no mais solitário deserto ocorre a segunda transmutação: em leão se torna aqui o espírito, liberdade quer ele conquistar, e ser senhor do seu próprio deserto.

Seu último senhor ele procura aqui: quer tornar-se inimigo dele e de seu último deus, pela vitória quer lutar o grande dragão.

Qual é o grande dragão a que o espírito não quer mais chamar de senhor e deus? ‘Tu deves’ se chama o grande dragão. Mas o espírito do leão diz “eu quero”. (...)

Meus irmãos, para que é preciso o leão no espírito? Em que não basta o animal de carga que renuncia e é respeitoso?

Criar novos valores – disso nem mesmo o leão ainda é capaz: mas criar liberdade para nova criação – disso é capaz a potência do leão. Criar liberdade e um sagrado Não, mesmo diante do dever: para isso, (...) é preciso o leão. (...)

Mas, digam meus irmãos, de que ainda é capaz a criança, de que nem mesmo o Leão foi capaz? Em que o leão (...) tem ainda de se tornar em criança? Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.

Sim, para o jogo criar (...) é preciso um sagrado dizer-sim: sua vontade quer agora o espírito, seu mundo ganha para si o perdido do mundo. (...). (NIETZSCHE, 1999, pp.213-14)

Transpondo a metáfora nietzschiana para a educação, a atitude do educador precisa ser aquela que permita ao aluno identificar o espírito de camelo que lhe é imposto e lhe oferecer condições de, carregado, se afastar para o deserto e reclamar por sua própria força. Devemos nos atentar para o fato de que o camelo corre não para este ou aquele deserto, mas para o “seu deserto” e isolado, alcançando a si mesmo, acaba por desfazer-se da carga. No deserto, porém, o camelo não apenas quer se encontrar consigo mesmo, ele se transmuta em leão. E o que quer aquele que se apropria do espírito do leão? Ele tem sede de conquistar a sua liberdade e ser senhor do seu próprio deserto. Ele quer lutar contra o grande dragão – o “tu deves” – e, por vontade própria, destituí-lo da figura de senhor. O leão é, assim, aquele que se livra da carga e cria novos valores porque diz um consciente e inculcado não ao “tu deves”. Não

obstante a essa negação o leão precisa ainda se transmutar em criança porque somente o espírito da criança é capaz de algo que o leão ainda não consegue fazer: resgatar o perdido do mundo na mais completa inocência. A criança alegremente se abre ao esquecimento, começa de novo e diz um alegre sim a si mesmo. Apenas o seu espírito pode restituir para si um mundo novo já que é aberto, é curioso, é inventivo e está sempre pronto a voltar ao início sem ranços ou remorsos.

Mais uma vez nos perguntamos: o que tem essa metáfora a ver com a educação? O fato de ser um exercício que abre possibilidades para resgatar um conhecimento mais aprofundado, de uma cultura geral diretamente ligada a uma atitude curiosa, questionadora e crítica da criança ou do adolescente em relação ao todo instituído.

4.4. Considerações Finais

Na contemporaneidade a rápida e volátil produção técnico-científica, com suas implicações humanas, bate às portas da educação anunciando uma verdadeira revolução. Tal revolução lembra aquela operada pela física moderna no século XVII. Ali se encontrava em jogo a noção, ao mesmo tempo glorificada e depreciada de progresso, que teve como consequência uma verdadeira mutação no intelecto humano. A física, ciência ativa e operativa, acabou por desencadear no conjunto organizado da cultura e do conhecimento o desejo de domínio e de ação, fazendo do homem o novo “senhor da natureza”. Tudo isso causou um impacto de fundamental importância, a saber: o homem moderno assumiu outra postura em relação ao universo e a si próprio. Ele passou, com o desenvolvimento da ciência e da técnica, a dominar a natureza e a colocá-la a seu serviço. No decorrer da história, os séculos XX e XXI afunilaram ainda mais as conquistas da modernidade e surgiram carregando consigo o coroamento das produções técnico-científicas, onde quase tudo é possível.

As mudanças estão ocorrendo rápido demais para que possamos entendê-las a contento. É, de fato, a “Era dos Extremos” como o afirmou Eric Hobsbawm. Uma época que, por um lado, testemunha uma série de genialidades e que, por outro, produz grandes horrores. Um tempo de contradições e paradoxos que nos coloca num ambiente de crise diante de uma sutil, rápida e silenciosa revolução econômico-produtiva e cultural. Essa revolução se reafirma a cada instante mais anti-humana e mais anti-civilizatória, marcada que está, sobretudo, por uma razão instrumental.

O referido cenário mostra-nos que nos situamos num mundo em que novos paradigmas impõem sérios desafios à ação e aos rumos da humanidade, em que se inclui, é claro, a educação. Trata-se do surgimento de uma nova e fluída cultura que rompe fronteiras, sobrepõe e a homogeneiza identidades, e fragmenta incessantemente o real. Diante disso, perguntamo-nos acerca do lugar, do sentido e do alcance da filosofia.

Lidamos certamente com a questão da interposição de uma nova cultura. De um lado, não podemos negar a existência de um verdadeiro fosso que separa a nossa cultura da cultura dos nossos alunos; de outro lado, temos a clara consciência da contribuição que a filosofia pode oferecer. E se lembrarmos que não há educação sem uma cultura que a apóie, então podemos supor que o nosso desafio encontra-se norteado pela necessidade da instauração de uma “cultura filosófica” por meio da qual os indivíduos tenham condições de educar-se a si mesmos e de colocarem uma grande interrogação sobre os rumos que tem tomado a sua própria história e, com ela, a sua cultura.

Nesse intento, quando nos referimos ao ensino da filosofia, apostamos na idéia de que não se trata de repassar aos nossos jovens meramente conhecimentos da história da filosofia, mas de fazê-los tomar posse de algumas condições que os possibilitem amadurecerem idéias e pensamentos para além do senso comum e das superficiais ideologias do mercado. O fato de se tomar a tradição filosófica como mera história da filosofia pode levar ao desencorajamento do aluno a ter idéias próprias, já que é obrigado a assimilar uma massa de conhecimentos históricos em detrimento do exercício ou da cultura do pensamento. A tradição filosófica nos ensina a assumirmos posturas próprias, a coragem e o risco de pensar e de criar. Respeitar a tradição significa, nesse sentido, apropriarmo-nos de uma atitude criativa que comporta riscos e que exige coragem. Não se trata, porém, de dar as costas à história do pensamento filosófico, mas de pensar com ela e para além dela. O que queremos dizer é que podemos fazer da história da filosofia o lugar de uma tradição a partir da qual é possível dar sentido às questões e problemas da nossa própria época.

Olhando para as circunstâncias do ensino de filosofia hoje, podemos dizer que nos localizamos entre dois espaços: o da tradição do texto filosófico e o de uma cultura altamente ligada às novas tecnologias. Resta-nos fazermos adequações, recortes, e adaptações mostrando a importância da tradição e como ela pode nos ensinar a produzir pensamentos e a criar filosoficamente. É preciso, porém, ter cuidado com as escolhas, procurando saber que clássicos trabalhar, como transpor suas idéias e até onde é possível adaptá-los às circunstâncias atuais sem a perda de sua originalidade, no sentido da instauração de uma

cultura filosófica, como atividade concreta que pode modificar tanto o sujeito do pensamento quanto o seu *habitat*.

No mundo contemporâneo mais do que nunca o lugar da filosofia mostra-se necessário como uma peça ou um *plus* que pode auxiliar na reconstrução de uma cultura que preserve e incentive o gosto pelo conhecimento, o que não significa outra coisa senão a humanização da técnica, a revisão dos critérios meramente quantitativos, não raro empregados pela ciência, e a restituição do instinto natural filosófico imobilizado nas crianças e jovens pela educação formal e informal por eles recebida, assim como por toda a tirania da mídia a serviço do mercado. A importância do lugar a ser “povoado” pela filosofia justifica-se porque, como diz Nietzsche, onde se cultiva a filosofia não há lugar para as tiranias.

A preocupação com a formação filosófica dos jovens tem relevância significativa quanto ao futuro da sociedade e da cultura que a sustenta. A filosofia, nesse caso, teria o papel de, juntamente com outras áreas do saber, auxiliar no amadurecimento dos jovens enquanto pessoas humanas ao mesmo tempo em que lhes permitiria o descortinamento do sentido de sua existência, de questões éticas, metafísicas, políticas e sociais. A função da filosofia é, nesse sentido, fundamentalmente pedagógica, porque aponta para a importância da presença do condutor que abre o caminho do “educar”, do latim *educare*, levar para fora, fazer sair, dar à luz. Daí conduzir de um estado ao outro, modificar, de modo a incentivar o gosto pelo conhecimento e de descobrir sua importância.

Para finalizar, reafirmamos a idéia de que a filosofia apresenta-se como uma atividade do pensamento e que seu ensino não se refere a outra coisa senão ao cultivo, em sua acepção mais vasta, de uma “cultura filosófica” que saiba compreender a importância e o lugar da tradição filosófica em todos os níveis do ensino.

4.5. Referências Bibliográficas

DEELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003 (Coleção Pensadores & Educação, 3).

KOHAN, Walter O. Fundamentos à prática da filosofia na escola pública. In: KOHAN, Walter O; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro (orgs.). *Filosofia na escola pública*. Vol. V. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NIETZSCHE, F. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. IN: *Escritos sobre Educação*. 3ª edição. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio

de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2007. (Coleção Teologia e Ciências Humanas; 11)

_____. *Obras Incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens R. T. Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os pensadores)

RODRIGO, Lídia M. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas, SP: Autores associados, 2009 (Coleção formação de professores).

SILVEIRA, Renê J. T. S. e GOTO, Roberto (orgs.). *Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007 (Coleção Filosofar é Preciso).

SOUZA, M. E. R. O ensino da filosofia e sua interface com a criação e a arte. In: BATTESTIN, C.; GABRIEL, F. A. (Orgs.) *Filosofia e educação: um diálogo necessário*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. (p 57-75)

_____. Filosofia e educação por um novo ideal de cultura: uma perspectiva nietzschiana. In: GABRIEL, F. A.; Gava, G. L. (Orgs.) *Ensaio Filosófico: antropologia, neurociência, linguagem e educação*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012. (p. 179-193)